
MILENARISMO E ESPIRITISMO

EUGENIO LARA
AGOSTO 1999

MILENARISMO E ESPIRITISMO

EUGENIO LARA

It's the end of the world as we know it and I feel fine.
(É o fim do mundo assim como o conhecemos, e eu me sinto muito bem).
R.E.M., banda de rock norte-americana.

Introdução

O medo do fim do mundo, a incerteza neste momento de transição no calendário, tornou-se por demais comum. Seitas e profetas predestinados surgem qual cogumelo em dia de chuva. Profecias, notadamente as de Nostradamus, são lembradas e citadas até às raias do insuportável. Um mau agouro paira sobre as mentes mais frágeis. Cada seita com seu cortejo de fanáticos já estabeleceu sua agenda.

Datas são fixadas, ou adiadas, amiúde. Segundo especialistas e estudiosos das centúrias de Nostradamus, o planeta deveria ter acabado em agosto de 1999. Nada aconteceu. Assim como nada aconteceu anteriormente em datas, previamente fixadas para o final dos tempos.

Os planetas se alinharam, houve o eclipse total e também nada ocorreu. Não houve maremotos, vendavais, tornados, nem terremotos espetaculares. O céu não caiu sobre a nossa cabeça e o sertão não virou mar. A vida prossegue, apesar do pessimismo sadomasoquista dos profetas do apocalipse.

Cataclismas geológicos sempre ocorreram e com o desequilíbrio ecológico provocado pelo homem, tendem a se agravar. Mas isso ocorre não porque Deus queira ou porque uma determinada profecia, o “plano espiritual”, o Senhor do Karma, ou coisa que o valha tenham assim determinado; faz parte das leis naturais, do contexto em que vivemos.

Por trás de todo esse medo, de todo o aparato hermenêutico e exegético, de interpretações obsessivas das escrituras “sagradas”, sejam cristãs ou não, há uma concepção de mundo que surgiu com mais consistência na Idade Média, com os chamados movimentos heréticos de contestação à estrutura criada pelo cristianismo no Ocidente.

Trata-se do milenarismo, um movimento ativista surgido no século XII, sob a tutela intelectual do monge Joaquim de Fiore. A partir de uma interpretação muito particular do apocalipse e de algumas passagens do Velho e do Novo Testamento, esse grupo de dissidentes imaginava que por um período de mil anos haveria a paz e a prosperidade na Terra, sob o reinado do Cristo, que retornaria dos céus, cercado de anjos, como ele próprio havia dito aos discípulos, conforme a tradição evangélica.

Esse milenário seria precedido por tragédias, fome, doenças, guerras e cataclismas. Depois viria a bonança de mil anos, antes do Juízo Final, da definitiva vitória das forças do bem sobre as forças das trevas.

Com o tempo o conceito se ampliou. Também chamado de quilianismo ou milenialismo, o milenarismo passou a designar todas as idéias relacionadas ao fim do mundo, ao apocalipse, a profecias, ao sonho de um reinado de paz e felicidade na Terra.

O milenarismo é de origem látrica, portanto religiosa, tem suas raízes na Antiguidade e se consolidou enquanto ideologia no período medieval. É, sobretudo, uma ideologia judaico-cristã. No entanto, apesar dessa origem, podemos vislumbrar a ideologia milenarista em quase todas as culturas religiosas, inclusive na cultura espírita-cristã. O Espiritismo Cristão é milenarista. Já o Espiritismo Kardecista, ainda que influenciado pelo cristianismo, confere a essa visão de mundo uma abordagem mais laica, muito semelhante a do marxismo e do anarquismo, por exemplo. Socialistas utópicos como Saint Simon e Fourier eram milenaristas, para citar os mais influentes.

Emmanuel, Pietro Ubaldi, Ramatiz, Roustaing, Edgard Armond, Humberto de Campos (Espírito), todos eles possuem, no bojo de seu pensamento, concepções milenaristas. E todos eles, de alguma forma, influenciaram o movimento espírita. A tal ponto que o chamado Pacto Áureo, que em 1999 comemora 50 anos, incorporou em seu discurso e objetivos idéias do livro Brasil Coração do Mundo Pátria do Evangelho, do Espírito Humberto de Campos, através da psicografia de Chico Xavier. Essa esdrúxula obra, explicitamente milenarista, serviu e tem servido de bússola para o movimento espírita tutelado pela Federação Espírita Brasileira (FEB).

O discurso da reforma íntima, pregado insistentemente por espíritas religiosos, tem suas raízes em uma visão milenarista. Vivemos num momento de transição, dizem. Os tempos são chegados. O momento é de seleção. Quem não tiver condições morais de continuar neste mundo terá o mesmo destino dos capelinos, Espíritos que segundo essa concepção, foram expulsos da Constelação de Cocheiro por insistirem em vícios hediondos, apesar de sua grande elevação intelectual. A história se repete e a Terra, segundo esses “espíritas”, sofrerá profundas transformações antes da vinda da Nova Era, do Mundo de Regeneração. A reforma íntima apela para o medo, o medo de ficar para trás, o medo de ser degredado, expulso do planeta, o medo de ficar do lado dos bodes, à esquerda do Cristo, o governador do planeta. O medo nunca deve ser utilizado como recurso didático.

A visão kardequiana é completamente outra. Ela é evolutiva, histórica, dinamo-genética, no dizer do sociólogo espírita Manuel S. Porteiro. As características milenaristas do Espiritismo são de caráter laico, segundo a sua própria natureza, ainda que em determinados momentos, essas mesmas características se achem impregnadas de imagens transcendentais e extra-históricas, como por exemplo a nova encarnação de Rivail, com a finalidade de dar continuidade a sua obra, revelada pelo Espírito Zéfiro, aquele mesmo que também revelou que ele teria sido João Huss e o druida Allan Kardec.

De 2000 Não Passará ...

"De 2000 não passará". Essa frase ainda reverbera na mente de muitas pessoas e traz uma carga semântica impregnada de medo, de advertência, de mau agouro.

E para isso existem os sinais, os presságios, as profecias. Fenômenos geológicos, astronômicos, conflitos bélicos, são tomados como sinal de advertência de que o fim está próximo. Os tempos são chegados, afirmam religiosos. Jesus está voltando!

Por conta desse vaticínio, uma infinidade de seitas arregimenta pessoas de mente frágil, vendendo a idéia de que a Era de Aquários está se aproximando, de que ocorrerão transformações definitivas no planeta. O Planalto Central está cheio dessas igrejinhas milenaristas. De lá, dizem, surgirá a nova civilização. E, obviamente, essas pessoas se consideram os arautos da Nova Era, os escolhidos, o sal da terra. Triste fim o nosso, pois se o futuro da Humanidade depender dessa corrente de visionários, estamos literalmente perdidos.

O Planalto Central virou uma verdadeira meca de fanáticos. Pode-se dizer que a capital central dessa torre de Babel é a cidade goiana de Alto Paraíso, a 220 quilômetros de Brasília. Lá vivem cerca de quatro mil pessoas que consideram o lugar impregnado de "elevadas emanções energéticas". E o que não falta é a presença de profetas amadores, de crentes ingênuos em predições catastróficas, como a do arquiteto Luiz Gonzaga de Paula. Ele acredita que o nosso planeta está prestes a sofrer um cataclisma global, que fenômenos cósmicos tendem a interferir no bem-estar planetário. Radicais modificações nas condições climáticas resultarão no derretimento da calota polar e conseqüente surgimento de maremotos, terremotos e outros males. Segundo sua matemática, apenas 5% da população sobreviverá.

Esse arquiteto lançou em 1975 o Projeto Alvorada, que consistia na construção de estações para pouso de naves extra-terrestres e comunidades alternativas. Quase dez anos depois, o projeto abortou devido a acusações de que Gonzaga de Paula teria interesses na área da especulação imobiliária.

Outro arquiteto, o tarólogo Yashen, construiu uma habitação em forma de gota d'água e com um espaço arquitetônico interno contendo inclinações semelhantes às pirâmides egípcias. Ele e sua estranha casa são uma das atrações do local, que já virou a nova coqueluche do turismo místico e esotérico.

Não poderia ficar de fora um outro habitante desta cidade "predestinada", um publicitário que assumiu o pseudônimo de Ergon, cuja crença lembra a do Espírito Ramatiz. Ele acredita que um planeta irá se chocar com a Terra e causará um tremendo de um estrago, comparável ao dilúvio bíblico. Segundo ele, somente a partir de 2014 (?) é que estaremos aptos a vivenciar a Nova Era, sem mais turbulências.

O escritor Rodrigo Romo é outro personagem bem conhecido de Alto Paraíso. Todas as suas previsões giram em torno de números. Segundo ele, após o cataclisma final somente as pessoas que tiverem 53% (?) de carga energética positiva irão sobreviver.

Em meados dos anos 80 surgiu, em Santos, um boato de que a cidade seria tragada pelas águas do mar, em função do derretimento da calota polar provocado pela destruição da camada de ozônio e o alinhamento dos planetas. Para alegria das imobiliárias, muita gente vendeu o que tinha, se desfez de seus bens a fim de comprar um imóvel no Planalto Central, bem longe da suposta catástrofe.

Nos Estados Unidos, o medo do fim do mundo virou, para algumas pessoas e grupos, uma verdadeira febre. Trata-se de uma paranóia que se intensificou no século

passado mas que agora ganha uma magnitude até bizarra. A quantidade de seitas e comunidades religiosas tornou-se um desafio para qualquer estatístico.

Um típico exemplo desse tipo de comunidade é a Church Universal and Triumphant, localizada em Pradise Valley, Montana, nos EUA. O templo principal fica em um silo nuclear com cerca de 5 mil metros quadrados, que já foi usado para estocar mísseis atômicos. O guru-mor da seita é a sacerdotisa Elizabeth Clare Prophet, encarregada, como diz seu próprio sobrenome herdado de seu marido e fundador da igreja, de proferir as profecias.

A Sra. Prophet previu que o mundo iria acabar em março de 1990. Mas nada aconteceu. Segundo ela, foi apenas um aviso, um alerta de que realmente o fim está próximo, informação fornecida pelo próprio Cristo e outros assessores para assuntos proféticos como Buda, Confúcio, o mago Merlin e até o rei Arthur, responsável pelas questões de natureza militar.

E foi o mesmo Cristo que previu o fim do mundo em 19 de abril de 1993, agora reencarnado como David Koresh, ex-líder da seita Branch Davidian, em Waco, Texas num rancho de madeira. Segundo esse maluco, todos da seita deveriam morrer a fim de renascerem das cinzas, no dia do Juízo Final. Nem o FBI conseguiu impedir a morte de 80 pessoas queimadas em uma verdadeira pira humana. Até hoje há a dúvida: quem queimou os fanáticos, o FBI ou Jesus Cristo, quer dizer, David Koresh? Uma questão que nem o Mr. M daria conta.

Histórias como essa não podem ser esquecidas, como a do “pastor” Jim Jones que induziu mais de mil fiéis de sua seita Templo do Povo, na Guiana, a se auto-envenerarem, em 19 de novembro de 1978.

Em 1994 outra seita, a Ordem Soberana do Templo Solar, instalada nos alpes suíços, também previa que o mundo iria acabar em 5 de outubro daquele ano. O líder da igreja, Luc Jouret, atirou em 30 fiéis e incendiou o templo.

A seita Heaven’s Gate, um amálgama de ufologia com milenarismo, também levou 39 de seus seguidores ao suicídio, em março de 1997.

Não faz muito tempo um outro pirado, líder de uma seita no Japão, colocou gás venenoso no metrô, auxiliado por seus seguidores. A atitude, como sempre, estava relacionada a uma mentalidade catastrófica e milenarista, que gera seitas kamikazes como a das Borboletas Azuis, no Brasil e Heaven’s Gate, nos Estados Unidos.

Mas além dessas seitas, há famílias, casais, pessoas que, convencidas de que o fim do mundo está próximo, procuram se garantir quando ele chegar. É o caso do teórico de computadores Ed Yourdon, que deixou Nova York e foi morar com a esposa, em uma casa de adobe (tijolo grande de argila) nos arredores de Taos, no Estado do Novo México. A casa é toda equipada com energia solar, eólica, além de possuir gerador de energia e estoque de alimentos não perecíveis.

Aliás, virou uma verdadeira mania estocar alimentos enlatados a fim de se garantir no período de escassez, principalmente nos Estados Unidos, país marcado pela proliferação de movimentos milenaristas como os Mórmons, Meninos de Deus, movimento Rajnesh, a seita do Reverendo Moon, dentre tantos outros. Lá, a cada dia, surge um novo profeta do caos, cheio de revelações e profecias.

No século passado, um dos maiores movimentos milenaristas que se tem notícia surgiu justamente lá na Terra dos Bravos. O fazendeiro William Miller foi o líder de um movimento que culminou com o acampamento de cerca de 50 mil seguidores no topo

de uma montanha, ao norte do Estado de Nova York. Todos esperavam pela aparição de Cristo e um séquito de anjos, o que obviamente não se sucedeu.

Seja no século passado, na Idade Média ou no momento atual, tem sempre alguém que procura tirar vantagem da situação. Hoje, há todo um aparato esotérico, publicação de vídeos, CDs, livros que exploram o sentimento de incerteza e insegurança que acomete as pessoas, ávidas de novidades, de fórmulas prontas e esquemas milagrosos de cura para seus males e suas dores.

Karen Anderson, de Dallas, EUA, é um bom exemplo. Ela lançou um livro dirigido para as donas de casa, uma espécie de manual de procedimentos diante da crise que se aproxima e uma coleção de seis vídeos didáticos. Medo do fim do mundo? do Apocalipse? Nada tema, é só falar com Karen que ela resolve o problema.

Temos de considerar, todavia, a existência de grupos e pessoas preocupadas não com o fim do mundo no sentido milenarista, profético, apocalíptico. Mas sim com o que se convencionou chamar de Bug do Milênio, tema que trataremos a seguir em um capítulo à parte. Receosos das consequências que possam advir da possível pane nos computadores de todo o mundo, muitos têm se retirado da sociedade ou procuram providenciar as condições necessárias à autosuficiência alimentar e energética.

É o caso de Bruce Eckhar, sua mulher e filha, que foram morar em Lisbon, zona rural do Estado de Ohio, nos EUA. A casa possui gerador movido a gás e a cama é de colchão d'água, que funciona como estoque reservado de mais de mil litros de água potável. Os alimentos, enlatados.

Isto posto, podemos perceber que em meio dessa onda de milenarismo místico e ingênuo, há pessoas mais críticas que procuram se preparar para uma situação que não é de todo impossível. Ao contrário, o Bug do Milênio pode causar mais estragos do que imaginamos.

Todos os profetas previram catástrofes. Há os que imaginam ser o terremoto na Turquia um sinal, assim como o foram a elevada temperatura nos Estados Unidos, as enchentes em função do aumento dos índices pluviométricos (chuva), a seca na África, a ressaca no Rio de Janeiro, os acidentes na Índia. Sinais de que o fim está próximo. Mas ninguém, **NINGUÉM** previu essa situação calamitosa que pode paralisar o mundo e provocar um blackout geral de largas proporções. Nem astrólogos, tarólogos, anjólogos, cristólogos, profetas, magos etc. previram que, possivelmente, se houver apocalipse ou um prenúncio disto, ele poderá se dar com o Bug do Milênio. Se a profecia é inútil, o profeta também é inútil.

O Bug do Milênio

Enquanto os profetas do caos tentam cooptar e recrutar as almas frágeis e inseguras com seu idéario milenarista, uma ameaça paira sob a nossa cabeça. Trata-se do que se convencionou chamar de Bug do Milênio. Bug significa inseto, bicho, besouro em inglês. Na gíria norte-americana, é sinônimo de defeito.

Em informática, a palavra bug é aplicada na designação de defeitos, de imperfeições em softwares, programas operacionais, aplicativos ou acessórios.

O problema é que os computadores lêem as datas do calendário com apenas seis dígitos. O dia 31 de dezembro de 1999 por exemplo, é arquivado e acessado pelo

computador como 31-12-99, e o dia seguinte, 1º de janeiro de 2000, como 01-01-00. O computador entenderá o 00 como o ano de 1900.

O bug, também conhecido como **Y2K** (**Y** de year, ano; **2** de dois mil e **K** de kilo, mil, do grego), é um sério candidato à maior burrada, pra não dizer outra palavra, deste século.

O problema surgiu em função de uma limitação técnica e econômica. No final dos anos 60 e 70, a memória para computador, a memória RAM, era muito cara. Os programadores procuravam economizar ao máximo. Um kilobyte que fosse economizado já era uma grande conquista. Decidiu-se, então, adotar um padrão mundial com seis dígitos. O 19, portanto, ficou de fora.

“Como um erro tão grosseiro pôde ser cometido por gênios do quilate dos inventores da informática contemporânea, homens que transformaram radicalmente nossa maneira de pensar, de trabalhar, de comunicar?”¹, afirmou de forma indignada o escritor e semiólogo Umberto Eco. Só há, segundo ele, dois motivos que levaram os programadores a adotarem tal procedimento. Primeiro, a atitude pragmática e imediatista, pois sem pensar no futuro, o que se queria era vender um produto útil nos anos 80. O segundo motivo foi imaginar que de dois em dois anos haveria uma reformulação sistemática, tanto dos hardwares como dos softwares. Ou seja, o que era vendido e usado em 1980 estaria obsoleto e deixaria de funcionar em 1990 e, portanto, o bug não seria um problema.

Ledo engano. O padrão de seis dígitos tornou-se mundialmente aceito e centenas de programas e softwares seguem essa norma.

Quando ocorrem mudanças no padrão de discagem de interurbanos, no acesso a determinados serviços, num primeiro momento é aquele caos. Até o sistema operar de forma adequada e atender todas as demandas e até as pessoas se acostumarem aos novos procedimentos, o que há é uma tremenda de uma bagunça. Imaginem isso em escala mundial.

Toda a nossa civilização tecnológica depende dos computadores para continuar funcionando. Se eles falham, há o blackout, pane em sistemas informatizados. Aeroportos deixam de funcionar, o acesso ao sistema financeiro entra em colapso, hospitais, escolas, universidades que dependem da informática correm o risco de perderem dados.

Datas de nascimento, de pagamento, validade de produtos, programação de vôos em aeroportos, caderneta de poupança, banco de dados de bibliotecas, instituições financeiras, podem simplesmente ser deletados, apagados quando os computadores interpretarem o 00 do calendário interno de seis dígitos como o ano de 1900. Softwares que utilizam algum tipo de sequência controlada por relógios, em formato de almanaques terão uma descontinuidade, uma defasagem de quase 100 anos.

Uma empresa norte-americana de consultoria, o Gartner Group, sustenta que deverão ser gastos por volta de 300 a 600 bilhões de dólares para se adequar as máquinas ao novo milênio. Ou seja, tem emprego garantido para os velhos programadores em linguagem Cobol, por exemplo, até pelo menos o ano 2001. Mas há indícios de que, em escala global, o gasto já superou em muito esta cifra.

Em 1984 já havia sido publicado um texto intitulado *A crise dos computadores: como evitar o colapso do ano 2000*, escrito por um programador que, de forma simulada, perdeu todos os dados quando o computador se resetou ao recuar para o

ano 1900. Dois anos depois um especialista em computação da África do Sul, Chris Anderson, já advertia a comunidade informática dos riscos que a nossa civilização estaria correndo se não tomasse providências para resolver o problema.

Mas o problema está aí. Poucos têm idéia das consequências que podem advir se ele não for resolvido em setores nevrálgicos da sociedade. Imaginem um míssil nuclear sendo ativado e enviado a um alvo aleatório, devido a uma pane no sistema informático que o controla. Aviões se chocando na pista ou em pleno ar, hidrelétricas parando de funcionar, ocasionando problemas na rede de esgoto e abastecimento de água. Não é à toa que muitas pessoas, famílias e comunidades estão se retirando da sociedade e se preparando para esse dia, possivelmente caótico mas nem por isso, apocalíptico.

Origem Milenar

As origens do milenarismo remontam aos primórdios da civilização. Assim como a noção mítica do começo do mundo (mitologia grega, Fiat Lux), da origem da humanidade (Adão e Eva, Osíris), do dilúvio (Gilgamesh e Noé) funcionam como arquétipos no processo histórico, o medo do fim do mundo, a idéia de que haverá uma morte planetária é um mito também presente em quase todas as civilizações.

No antigo Egito essa idéia surge mas de forma não tão acentuada. Segundo o historiador inglês Norman Cohn, “em nenhuma outra parte a consciência do cosmos e de tudo o que o ameaçava era mais desenvolvida do que no Egito.”²

Esse interessante povo não acreditava que o mundo tivesse sido criado a partir do nada. Para eles algum tipo de matéria sempre existiu. A criação é a ordenação, a modelagem dessa mesma matéria informe.

O tempo para os egípcios era algo que se estendia infinitamente e de forma imutável. O final dos tempos se daria após bilhões de anos, quando se esgotarem todas as possibilidades de manutenção do cosmos.

Os sumérios, na Mesopotâmia, por volta do ano 3.000 a.C., também possuíam uma noção toda própria acerca da ordem no mundo e das forças que ameaçavam a sua estabilidade. A idéia de que o mundo terá um fim aparece em sua mitologia, onde há os deuses da ordem e os deuses da destruição.

Já entre os hindus, observamos nos Vedas, livros sagrados contendo mais de mil hinos em sânscrito, a idéia de que a vida pós-morte seria “uma versão mais aperfeiçoada” da vida material, sem os males causados pelos defeitos físicos.

Essa idéia de recompensa após a morte terá em Zoroastro um outro desenvolvimento, a partir da noção dualista da realidade, onde duas forças se chocam, as do mal e as do bem. A doutrina de Zoroastro ou Zaratustra, que viveu por volta do século VI a.C., foi adotada pelos persas, civilização de origem ariana que a disseminou por todas as regiões conquistadas, influenciando decisivamente o pensamento judaico-cristão, notadamente quanto à escatologia e ao dualismo de sua concepção de mundo.

Essa influência não se restringiu somente na cosmogonia, mas no caráter profético do zoroastrismo que pregava a vinda de um “futuro redentor” denominado Saoshyant, que seria precedida pela vitória do princípio da criação (*asha*, as forças do bem) sobre o princípio da destruição (*druj*, as forças do mal).

Esse redentor viria para ressuscitar os mortos, dando-lhes novos corpos, imortais e incorruptíveis, criando assim uma nova ordem, uma nova estabilidade cósmica, antagônica ao caos e à destruição de *druj*.

Zoroastro dividia o tempo do mundo em quatro períodos de 3.000 anos. Esse redentor viria justamente no último período, no “final dos tempos”, a fim de inaugurar uma nova era, uma era messiânica. Pode-se dizer que Zaratustra foi o primeiro profeta “milenerista” da nossa história.

A exemplo das culturas védica, egípcia e mesopotâmicas, que floresceram às margens dos rios Ganges, Nilo, Tigre/Eufrates, respectivamente, na América se desenvolveu, às margens do Lago Titicaca, em Tihuanacu, na atual Bolívia, uma cultura pré-incaica das mais interessantes e que se disseminou por todo o continente. Essa cultura, também chamada de pré-colombiana, era profundamente milenerista, comparável somente ao zoroastrismo. Eles acreditavam no que chamavam de “regresso do inca”, que iria unificar espiritualmente todo o continente americano. E como eles eram exímios calendaristas e profundos conhecedores de astronomia, estabeleceram a data de 21 de dezembro de 2012 para o “regresso”, segundo o calendário maia. E há quem diga que o fim do mundo será nesse dia.

Mil Anos de Felicidade

Na Teologia, a crença em um reinado secular do Messias por mil anos denomina-se milenarismo (do latim *mille annorum*) ou quilianismo (do grego *khilioi*: mil anos). Essa idéia tem sua origem na ideologia judaico-cristã, em interpretações do Apocalipse, obra atribuída ao apóstolo João, que a recebeu na ilha de Patmos. Trata-se de um livro que sintetiza em sua linguagem e estrutura o conluio ideológico entre o judaísmo e o cristianismo.

Segundo essa crença, num período de mil anos haverá uma espécie de regeneração do cosmos, antes do derradeiro Juízo Final. Tudo isso parte do princípio judaico de que as escrituras, apesar de sua ortodoxia natural, permitem infinitas possibilidades de interpretação, sejam elas literais, alusivas, educativas ou secretas.

No caso das seitas mileneristas, que primeiramente proliferaram na Idade Média, o foco interpretativo se dá com relação a algumas passagens bíblicas, notadamente no capítulo 20 da última obra do Novo Testamento (nova aliança), o Apocalipse, que reproduziremos a seguir:

Então vi descer do céu um anjo; tinha na mão a chave do abismo e uma grande corrente.

*Ele segurou o dragão, a antiga serpente, que é o diabo, Satanás, e o prendeu por **mil anos**; lançou-o no abismo, fechou-o, e pos selo sobre ele, para que não mais enganasse as nações até se completarem os mil anos. Depois disto é necessário que ele seja solto pouco tempo.*

*Vi também tronos, e nestes sentaram-se aqueles aos quais foi dada autoridade de julgar. Vi ainda as almas dos decapitados por causa do testemunho de Jesus, bem como por causa da palavra de Deus, tantos quantos não adoraram a besta, nem tão pouco a sua imagem, e não receberam a marca na fronte e na mão; e viveram e reinaram com Cristo durante **mil anos**.*

*Os restantes dos mortos não reviveram até que se completassem os **mil anos**. Esta é a primeira ressurreição.*

*Bem-aventurado e santo é aquele que tem parte na primeira ressurreição; sobre esses a segunda morte não tem autoridade; pelo contrário, serão sacerdotes de Deus e de Cristo, **e reinarão com ele os mil anos** (grifo nosso).*

*Quando, porém, se completarem **os mil anos**, Satanás será solto da sua prisão e sairá a seduzir as nações que há nos quatro cantos da terra, Gogue e Magogue, a fim de reuni-los para a peleja. O número desses é como a areia do mar. (...) (grifo nosso).*

Como se vê, o número 1.000 (mil) é recorrente em diversas passagens bíblicas, como no Salmo 84.10.: “Pois **um dia** nos teus átrios vale mais que **mil**” (grifo nosso) e no Salmo 90.4: “Pois **mil anos**, aos teus olhos, são como um dia de ontem que se foi, e como a vigília da noite”. (grifo nosso)

Para muitos rabinos estudiosos da bíblia, o reinado do Messias, que ainda há de vir, durará mil anos. Se cada dia corresponde, na matemática divina, mil anos, estes últimos equivaleriam ao “sábado” (o sabá) da criação, onde haveria o resgate da inocência perdida. Trata-se do Adão redivivo, da natureza paradisíaca recuperada.

Essa idéia é ainda mais explícita no capítulo 3.8. da 2ª epístola do apóstolo Pedro:

Há, todavia, uma coisa, amados, que não deveis esquecer: que, para o Senhor, um dia é como mil anos, e mil anos como um dia.

E, mais a frente, no versículo 13 deste mesmo capítulo, Pedro afirma:

Nós, porém, segundo a sua promessa, esperamos novos céus e nova terra, nos quais habita justiça.

Na primeira epístola aos Tessalonicenses (atual Grécia), Paulo faz novamente referência à vinda do Cristo e de um reino de bem-aventurança:

Porquanto o Senhor mesmo, dada a sua palavra de ordem, ouvida a voz do arcanjo, e ressoada a trombeta de Deus, descera dos céus, e os mortos em Cristo ressuscitarão primeiro; (4.16)

O número 1.000 (mil) não tem nenhum significado especial, esotérico, como tem o sete para os judeus ou o três para os celtas. Possui menos significado ainda nos fenômenos naturais, seja nos ciclos da natureza ou nos ciclos interplanetários. Trata-se de uma convenção, estabelecida de forma variável, em diversas culturas. É apenas um número, abstrato, representativo, cujo significado concreto, se encontra nos domínios das ciências matemáticas.

Todavia, foi utilizado por rabinos estudiosos dos textos sagrados do judaísmo como uma medida secular, temporal, na análise do começo e do fim da história da humanidade. Em seis dias o mundo foi criado e no sétimo Jeová descansou. Como para o Senhor dos Exércitos, um dia vale mil anos, temos a interessante conta de seis mil (6.000) anos para a existência do mundo e mil (1.000) anos para o derradeiro processo do Juízo Final, segundo essa interpretação.

Para alguns rabinos, os seis mil anos seriam distribuídos da seguinte maneira: 2.000 antes de Moisés, 2.000 sob a lei mosaica e mais 2.000 sob o domínio do Messias. E ainda sobra mais um milênio de descanso sabático a ser usufruído somente pelos eleitos, devidamente marcados e selecionados. O último período da história, o derradeiro fim da história.

Essa idéia, delineada pelo zoroastrismo, o judaísmo e o cristianismo, foi o componente essencial na tentativa de ruptura com a Igreja, na Idade Média, nos três primeiros séculos, como o movimento dos ebionistas, os montanistas e pensadores/personalidades do porte de Tertuliano, Ireneo, Justino, Lactancio, Papías, dentre outros.

Posteriormente, no final da Idade Média e início do Renascimento, esse movimento assumiu características mais impositivas, violentas. Segundo o historiador francês Jean Delumeau, os adeptos de diversas tendências do milenarismo tentaram impor suas idéias a força: “o movimento dos radicais tchecos em 1420, a revolta dos ‘camponeses’ de Turíngia, à frente dos quais se colocou Thomas Müntzer em 1525, a ocupação de Münster, em 1534-1535, por anabatistas exaltados que acreditavam que Cristo ia descer ali para fazer da cidade a nova Jerusalém!”³.

Dos países europeus Portugal foi o mais influenciado pela ideologia milenarista. Para Delumeau, a compreensão da história desse país passa necessariamente pelo viés do milenarismo, sem o qual não haveria como entendê-la. “Um fenômeno que, com exclusão do povo judeu, não tem equivalente na história”.⁴

O movimento mais influente foi o sebastianismo, surgido a partir de trovas compostas pelo sapateiro Bandarra, no fim do século 16, onde anuncia a volta de um rei ainda escondido, o Encoberto, que seria o novo messias. D. Sebastião, rei português desaparecido em uma batalha no Marrocos, na África, é o personagem evocado na aplicação dessa profecia.

As trovas exaltam a nação portuguesa, que viveria, segundo Bandarra, mil anos de prosperidade a fim de servir como o berço de uma nova civilização. As idéias de Bandarra influenciaram a cultura lusitana durante as décadas seguintes bem como outro milenarista importante, o jesuíta, escritor e grande orador Antônio Vieira, que viveu parte de sua vida no Brasil. Para ele, d. João 6º de Bragança seria o “rei encoberto”, que iria restaurar toda a grandeza do império lusitano. Essas idéias o levaram a ter sérios problemas com a Inquisição, que o prendeu em cárcere privado durante quase três anos.

Delumeau mostra também que a ideologia milenarista foi fundamental na sustentação ideológica das viagens portuguesas: “A pesquisa recente mostrou que era necessário dar uma significação escatológica aos projetos e às expedições ultramarinas de d. Manuel, o Venturoso. Ele sonhava com uma espécie de reino universal e messiânico, o quinto império de Daniel, que veria Portugal trazer para a religião de Cristo todas as nações não-cristãs.”⁵

Contudo, não foram somente os navegadores portugueses que se atiravam em expedições aventureiras e pioneiras no descobrimento de outras terras, embuídos do ideário milenarista. Cristóvão Colombo foi um autêntico milenarista, que costumava se orientar por profecias bíblicas. Ele achava que o mundo acabaria em 1650. A descoberta de novas terras, da América, se encaixaria perfeitamente num plano divino voltado para a criação de um paraíso no Novo Mundo. “Deus fez de mim o mensageiro do novo céu e da nova terra mencionados no Apocalipse de São João”.⁶

Outro milenarista ilustre foi Dom Bosco, clérigo italiano fundador da ordem dos salesianos. Além de ser um indivíduo comprometido com a educação, com a pedagogia, Dom Bosco notabilizou-se também pelas profecias que fez.

Em estado sonâmbulico ou de EFC (experiência fora do corpo), Dom Bosco tinha visões, muitas vezes também em estado de êxtase (dupla vista). Dentre as muitas profecias que proferiu há aquela famosa acerca do destino do Brasil:

(...) Eu enxergava nas vísceras das montanhas e nas profundezas da planície. Tinha, sob os olhos, as riquezas incomparáveis dessas regiões, as quais, um dia, serão descobertas. Eu via numerosos minérios de metais preciosos, jazidas inesgotáveis de carvão de pedra, de depósitos de petróleo tão abundantes, como jamais se acharam noutros lugares.

Mas não era tudo. Entre os graus 15 e 20 existia um seio de terra bastante largo e longo, que partia de um ponto onde se formava um lago. E então, uma voz me disse, repetidamente: 'Quando vierem escavar os mineirais ocultos no meio destes montes, surgirá aqui a Terra da Promissão, fluente de leite e mel. Será uma riqueza inconcebível.'

Dom Bosco, segundo seus seguidores, refere-se nessa profecia ao Planalto Central, localizado entre os graus 15 e 20, na América do Sul, bem onde se encontra Brasília (DF).

Poucos sabem, mas o guerrilheiro e ativista revolucionário, Augusto Sandino, cujo nome cunhou o movimento de libertação da Nicarágua, os sandinistas, era milenarista. Na juventude tomou contato com o Espiritismo e a Teosofia e mais tarde, na luta contra o imperialismo norte-americano, Sandino passou a se considerar um messias, um predestinado com a missão de libertar os nicaraguenses da invasão norte-americana. Para o General de Hombres Libres, como era chamado, os Estados Unidos eram a própria encarnação do mal e os nicaraguenses, o povo escolhido por Deus para libertar a humanidade da exploração e da opressão.

No Brasil há pelo menos dois movimentos milenaristas que merecem ser citados. A Revolta de Canudos (1896/1897) e a Guerra do Contestado (1912/1916).

O movimento de Canudos surgiu no nordeste da Bahia sob a liderança e carisma de Antonio Conselheiro, que se considerava um emissário divino. Influenciado pelo sebastianismo, Conselheiro e seus seguidores, formados em sua maioria por pobres e trabalhadores sem-terra, acreditavam que a região onde estavam assentados, denominada por eles de "Império do Belo Monte", seria a nova Canaã. Esse novo paraíso terrestre surgiria após o Juízo Final e seria inaugurado por D. Sebastião, aquele mesmo que desapareceu na África.

A República era por eles condenada, que a identificavam com o Mal, com o Demônio e propunham a monarquia como forma de governo. Essa opção política serviu de pretexto para que o Exército tentasse diversas vezes, em vão, destruir a comuna messiânica, fato somente possível com o envio de artilharia pesada e um grande contingente de soldados, cerca de seis mil homens. Quatro mil pessoas morreram após a destruição final de Canudos, cuja epopéia foi narrada, de forma romaneada pelo escritor e jornalista Euclides da Cunha, em Os Sertões.

Nessa obra podemos ler algumas de suas profecias milenaristas, bem ao gosto dos profetas apocalípticos:

"Em 1896 há de rebanhos mil correr da praia pra o sertão; então o sertão virará praia e a praia virará sertão."

"Em 1898 haverá muitos chapéus e poucas cabeças."

"Em 1899 ficarão as águas em sangue (...)"

“Há de chover uma grande chuva de estrelas e aí será o fim do mundo. Em 1900 se apagarão as luzes.”⁷

Em 1912, no sul do país, numa região localizada a oeste de Santa Catarina e Paraná, surgiu um movimento separatista de caráter messiânico, que passou para a história como a Guerra do Contestado. A exemplo de Canudos, a miséria e a exclusão social foram os fatores preponderantes para que a população dessa região e muitos migrantes gaúchos se aglutinassem em torno de lideranças místicas.

O ex-soldado Miguel Lucena de Boaventura, que se considerava um predestinado, passou a reunir esse contingente de miseráveis no que denominou de Quadros Santos. Na região, o monge João Maria tornou-se conhecido, antes de morrer em conflito com a polícia, por esses Quadros Santos que organizava na região. Eles consistiam em pregações em diversas cidades sobre a volta do Rei Encoberto, de d. Sebastião. Boaventura, aproveitando-se da tradição local em torno do monge, prosseguiu na mesma pregação, mas agora de forma mais ativista.

Os chamados rebeldes fundaram a Monarquia Sul-Brasileira e deflagraram um movimento separatista e messiânico, que só foi contido em 1916.

Os Messias

1. Já vos foi dito que um dia todas as religiões confundir-se-ão numa mesma crença. Ora, eis como isto ocorrerá. Deus dará um corpo a alguns Espíritos superiores, e eles pregarão o Evangelho puro. Um novo Cristo virá; porá fim a todos os abusos que duram há tanto tempo, e reunirá os homens sob uma mesma bandeira.

Nasceu o novo Messias, e ele restabelecerá o Evangelho de Jesus-Cristo. Glória ao seu poder!

Não é permitido revelar o lugar onde nasceu; e se alguém vier vos dizer: “Ele nasceu em tal lugar”, não acrediteis, porque ninguém o saberá antes que ele seja capaz de se revelar, e daqui até lá, é preciso que grandes coisas se realizem, para aplinar os caminhos.

Se Deus vos deixar viver bastante, vereis pregar o verdadeiro Evangelho de Jesus-Cristo pelo novo Missionário de Deus, e uma grande mudança será feita pelas pregações desse Menino abençoado; à sua palavra poderosa, os homens de diferentes crenças dar-se-ão as mãos.

Glória a esse divino enviado, que vai restabelecer as leis mal compreendidas e mal praticadas do Cristo! Glória ao Espiritismo, que o precede e que vem esclarecer todas as coisas!

Crêde, meus irmãos, que não sois senão vós que recebereis semelhantes comunicações; mas conservai esta secreta até nova ordem.

São José (Sétif, Argélia, 1861) ⁸

Qualquer semelhança com a ideologia milenarista não é mera coincidência. Essa mensagem foi publicada por Kardec na Revista Espírita (1868), em conjunto com outras sobre o mesmo tema recorrente: a vinda do Messias e de vários outros que, ao reencarnarem, teriam a missão de restabelecer todas as coisas.

Tal mensagem ficou engavetada durante sete anos e, em função da proliferação de outras verossímeis, o fundador do Espiritismo decidiu publicá-las

(treze, ao todo), sem tecer nenhum comentário. O que só aconteceu na edição seguinte, a de março.

A seguir, alguns trechos das outras mensagens:

2. *Está incontestavelmente constatado que a vossa é uma época de transição e de fermentação geral; mais ainda não chegou àquele grau de maturidade que marca a vida das nações. É no vigésimo século que está reservado o remanejamento da humanidade; todas as coisas que se vão realizar daqui até lá não são senão preliminares da grande renovação. (...)*

A corrupção dos costumes, as desgraças que serão a consequência do desenvolvimento das paixões, o declínio da fé religiosa serão os sinais precursores de sua vinda.

(...)

Dá-se o mesmo com as religiões que substituem o culto da Divindade pelo culto do dinheiro e das honras, e que se mostram mais ávidas dos bens materiais da terra do que dos bens espirituais do céu.”

Fénelon (Constantine, dezembro de 1861) ⁹

3. *Quando uma transformação da humanidade deve operar-se, Deus envia em missão um Espírito capaz, por seus pensamentos e por sua inteligência superior, de dominar seus contemporâneos e de imprimir às gerações a vir as idéias necessárias para uma revolução moral civilizadora.*

(..)

Jesus-Cristo foi um desses enviados excepcionais; do mesmo modo tereis, para os tempos chegados, um Espírito superior que dirigirá o movimento de conjunto e dará uma coesão poderosa às forças esparsas do Espiritismo.

Baluze (Paris, 1862) ¹⁰

4. *Eis uma pergunta que se repete por toda a parte: o Messias anunciado é a pessoa mesma do Cristo?*

Perto de Deus estão numerosos Espíritos chegados ao topo da escada dos Espíritos puros, que mereceram entre eles seus enviados superiores, encarregados de missões especiais. Podeis chamá-los Cristos; é a mesma escola; são as mesmas idéias modificadas conforme os tempos.

(...)

O que morreu na cruz tinha uma missão a cumprir, e essa missão se renova hoje por outros Espíritos desse grupo divino, que vêm, eu vo-lo repito, presidir aos destinos do vosso mundo.

(...)

Assim é que, pouco a pouco, estabelecer-se-á a harmonia do conjunto; mas é necessário, previamente, que se realizem certos acontecimentos.

Lacordaire (Paris, 1862) ¹¹

6. (...) *Espíritas! Compreendeis a gravidade de vossa missão; estremecei de alegria, porque não está longe a hora em que o divino enviado realegrará o mundo. Espíritas laboriosos, sêde abençoados por vossos esforços e sêde perdoados por vossos erros. A ignorância e a perturbação ainda vos roubam uma parte da verdade que só o celeste Mensageiro vos pode revelar por inteiro.*

São Luís (Paris, 1862) ¹²

7. (...) *Sim, meus filhos, o povo comprimir-se-á sobre os passos do novo mensageiro, anunciado pelo próprio Cristo, e todos virão escutar essa divina palavra, porque nelas encontrarão a linguagem da verdade e o caminho da salvação. Deus, que permitiu que vos esclarecêssemos, sustentássemos vossa marcha até hoje, permitirá ainda que vos demos as instruções que vos são necessárias.*

Lamennais (Havre, 1862) ¹³

11. *Povos, escutai!... Uma grande voz se faz ouvir de um extremo a outro dos mundos; é a do precursor, anunciando a vinda do Espírito de Verdade, que vem endireitar as vias tortuosas por onde o espírito humano se desgarrava em falsos sofismas. É a trombeta do anjo vindo despertar os mortos para que saiam de seus túmulos.*

João Evangelista (Paris, 1866) ¹⁴

12. *Jesus virá sobre as nuvens, a julgar os vivos e os mortos.*

Sim, Deus o enviará, como o envia todos os dias, fazer (sic) essa justiça soberana nas planícies imensas do éter.

(...)

Sim, estais condenados a recomeçar o caminho percorrido, em nova existência terrena, até que vos vejais saciados de matérias e iniquidades, e que, enfim, tenhais expulsado o impuro que vos domina. Sim, estais condenados; ide e voltaí ao inferno da vida humana, enquanto vossos irmãos da minha direita se vão lançar para as esferas superiores, de onde são excluídas as paixões da terra, até o dia em que entrarem no reino de meu Pai, por uma maior purificação.

Erasto (Paris, 1861) ¹⁵

13. (...) *assim como o desenvolvimento do indivíduo é acompanhado por certas perturbações físicas e intelectuais, que ocorrem mais particularmente em certos períodos da vida, a humanidade tem as suas doenças de crescimento, seus desmoronamentos morais e intelectuais. É a uma dessas grandes épocas que terminam um período e que começam um outro que vos é dado assistir. Participando ao mesmo tempo das coisas do passado e das do futuro, nos sistemas que se esboroam e nas verdades que se estabelecem, tende cuidado, meus amigos, de vos por do lado da solidez, da progressão e da lógica, se não quiserdes ser levados à deriva; e abandonar palácios suntuosos quanto à aparência, mas vacilantes pela base, e que em breve enterrarão sob suas ruínas os infelizes bastante insensatos para não querer deles sair, mau grado os avisos de toda a natureza, que lhes são prodigalizados.*

(...)

À obra, pois, Espíritas, e não esqueçais que deveis ser todo prudência e todo providência. Tendes um escudo; sabeí dele vos servir; uma âncora de salvação; não a desprezeis.

Clélie Duplantier (Paris, 1867)

Hoje, passados mais de um século da publicação dessas mensagens, ao serem lidas, a impressão primeira é de que todos os Espíritos, com exceção de Clélie Duplantier, estavam por demais entusiasmados com a idéia de que viria um novo Messias. A linguagem denota uma influência muito grande do cristianismo, os termos usados são bem evangélicos e a tese central é sempre a mesma: o anúncio de que virá um missionário divino com o objetivo de restabelecer a ordem, a paz no mundo e o Evangelho de Jesus-Cristo em toda sua pureza. Esse anjo do senhor é chamado por

diversos nomes: Novo Cristo, Novo Messias, Novo Missionário de Deus, Divino Enviado, Celeste Mensageiro, O Enviado, O Precursor.

Esse Espírito predestinado já havia encarnado na época de Kardec. Segundo a mensagem do Espírito Fénelon, ele viria para dar início a uma grande renovação: “O homem chamado a consumá-la ainda não está maduro para realizar sua missão; mas já nasceu e sua estrela apareceu em França marcada por uma auréola e vos foi mostrada há pouco tempo, na África. Sua rota está previamente marcada.”¹⁶ Que homem é esse, se é que existiu? Seria o caso de, ao menos hoje, evocar o autor desta mensagem como os autores das demais a fim de saber, o que os levou a entrar por esse campo minado da predição, da profecia.

É de admirar que Espíritos como Erasto, Fénelon, São Luiz, Lacordaire, dentre tantos outros que muito contribuíram para a elaboração do Espiritismo, tenham entrado por esse viés, esse atalho messiânico, místico mesmo. Quase todas as mensagens deixam transparecer uma influência muito grande não somente do milenarismo, mas também do momento em que viviam. Afinal, o século 20 estava por vir, e as transformações intelecto-morais previstas pelos Espíritos e pelo próprio Kardec, iriam se processar nessa época. A história demonstrou que nem essas transformações aconteceram e nem o Espiritismo funcionou como o secundador do movimento de regeneração, neste século que termina.

Kardec deixou no *freezer* essas mensagens durante vários anos. Até que, em função da multiplicação de mensagens de igual teor, decidiu pela divulgação. Na edição seguinte da Revista Espírita, atendendo ao apelo de diversos leitores, publicou um ensaio sobre o que ele mesmo denominou de Messias do Espiritismo.

“A opinião da maioria dos Espíritos é um poderoso controle para o valor dos princípios da doutrina, mas não exclui o do julgamento e da razão cujo uso incessante todos os Espíritos sérios recomendam”¹⁷, afirmou Kardec justificando previamente a análise crítica que fará a seguir.

Outro motivo alegado por Kardec por não ter publicado antes as mensagens foi o fato de não tratarem de temas relacionados à estrutura filosófica do Espiritismo: “no caso de que se trata, não é uma questão de princípio e julgamos não dever atender ao conselho da maioria para esta publicação, desde que sua utilidade nos estava demonstrada.”¹⁸

O fundador do Espiritismo não se atém à questão do Messias, mas sim dos Messias, de Espíritos preparados que reencarnam para auxiliar o progresso da humanidade. Esses Espíritos não reencarnariam quando tudo já estivesse realizado. “Não seria como se o Cristo tivesse vindo após o estabelecimento do cristianismo, ou como se o arquiteto encarregado da construção de uma casa chagasse quando esta estivesse construída?”¹⁹, argumenta.

O trabalho de regeneração, segundo Kardec, não pode ser obra de um homem. Trata-se de uma tarefa coletiva, e completa: “A instalação de uma doutrina chamada a regenerar o mundo não pode ser obra de um dia, e a vida de um homem não bastaria para isto.”²⁰

Esses Messias não possuem o caráter místico e profético que costumeiramente se dá a essas palavras. Kardec os interpreta como mensageiros, de enviados, “abstração feita da idéia de redenção e de mistério, particular aos cultos cristãos”²¹.

E descarta todo o clima místico que envolve a vinda desses Messias ao considerar o contexto em que eles geralmente reencarnam:

“Todas as grandes épocas de renovação viram aparecer messias encarregados de dar impulso ao movimento regenerador e o dirigir. Sendo a época atual uma das maiores transformações da humanidade, terá também os seus messias, que a presidem já como Espíritos, e terminarão sua missão como encarnados. Sua vinda não será marcada por nenhum prodígio, e Deus, para os fazer reconhecer, não perturbará a ordem das leis da natureza. Nenhum sinal extraordinário aparecerá no céu, nem na terra, e não serão vistos descendo das nuvens acompanhados por anjos.”²²

O codificador considerava o século 20 como “o século dos messias”, onde floresceriam grandes apóstolos do Espiritismo e se delinearía assim uma nova sociedade formada “por elementos novos ou regeneradores”. Hoje, no final do século, ainda falta muito para sermos, na classificação kardequiana, um mundo de regeneração. E muito mais longe ainda se encontra o estado de organização social proposto pelo Mestre de Lyon sob o nome de Aristocracia intelecto-moral.

A previsão de Kardec, amparada pelas informações dos Espíritos, não aconteceu. Assim como até agora não surgiu ninguém que possa ser reconhecido como o codificador reencarnado.

O Espírito Zéfiro revelou a Kardec que ele teria de reencarnar no século 20 a fim de dar continuidade a sua obra. Mais uma profecia que não se cumpriu. Uma última tentativa foi feita recentemente, com uma mensagem psicografada afirmando que Chico Xavier seria Kardec reencarnado. Figuras ilustres do movimento espírita se convenceram da veracidade dessa revelação, mas foi apenas uma empolgação passageira. Se Kardec tiver de reencarnar, irá desempenhar seu trabalho possivelmente no próximo século.

A profecia tem o seu valor enquanto fenômeno, mas convenhamos, qual a sua verdadeira utilidade? Para que serve uma profecia a não ser para desviar a atenção, o pensamento? Só atrapalha. Em nome de profecias, sejam religiosas ou não, muita gente foi morta e muitas nações destruídas e massacradas. O marxismo, que possui, apesar de laico, características milenaristas, gerou barbaridades na extinta União Soviética, tudo em nome do comunismo, esse devir utópico fora do tempo e do espaço.

O Espírito Emmanuel é um que talvez ainda acredite em prospecções místicas. Em seu livro *A Caminho da Luz*, psicografado em 1938 por Chico Xavier, ele expõe as seguintes previsões:

“O século que passa efetuará a divisão das ovelhas do imenso rebanho. O cajado do pastor conduzirá o sofrimento na tarefa penosa da escolha e a dor se incumbirá do trabalho que os homens não aceitaram por amor.”

(...)

“Vive-se agora, na Terra, um crepúsculo, ao qual sucederá profunda noite; e ao século XX compete a missão do desfecho desses acontecimentos espantosos.”

(...)

“Sim, porque depois da treva surgirá uma nova aurora. Luzes consoladoras envolverão todo o orbe regenerado no batismo do sofrimento. O homem espiritual estará unido ao homem físico para a sua marcha gloriosa no Ilimitado, e o Espiritismo terá retirado dos seus escombros materiais a alma divina das religiões, que os homens perverteram, ligando-as no abraço acolhedor do Cristianismo restaurado.”²³

Nem houve trevas e nem o Espiritismo restaurou o cristianismo. O milenarismo de Emmanuel é tão ingênuo quanto o de qualquer uma dessas seitas que pregam o fim do mundo.

Por outro lado, o tratamento que Allan Kardec deu a questões relacionados ao futuro da humanidade, ao final dos tempos, ao contrário de autores e Espíritos como Emmanuel, sempre se pautou pela racionalidade científica e filosófica, laica, sem descartar jamais os avanços da ciência. Em A Gênese, densa obra que não possui nenhuma característica milenarista, o fundador do Espiritismo trata, no final do livro, sobre “os sinais dos tempos”.

Considera o Espiritismo a doutrina mais apta a desempenhar o papel de secundador do processo de regeneração da humanidade e descarta o fim do mundo: “A Terra, no dizer dos Espíritos, não terá de transformar-se por meio de um cataclismo que aniquile de súbito uma geração. A atual desaparecerá gradualmente e a nova lhe sucederá do mesmo modo, sem que haja mudança alguma na ordem natural das coisas”.²⁴

Ao contrário do que pregam outras correntes de pensamento, nesse momento de transição no calendário, são as entranhas da humanidade que se agitam, as variadas convulsões e crises são de natureza moral. O momento de transição é moral, ético. Uma nova ordem social, fundada em princípios de liberdade, solidariedade e fraternidade está surgindo, ainda que seja bem nebuloso o horizonte de seu crescimento.

Para o Espiritismo, o Juízo Final não tem o menor sentido, trata-se apenas de uma crença, de um mito. A doutrina do Juízo Final único e irreversível, segundo Kardec, “repugna à razão, por implicar a inatividade de Deus, durante a eternidade, que precedeu à criação da Terra e durante a eternidade que se seguirá à sua destruição. Que utilidade teriam então o Sol, a Lua e as estrelas que, segundo a Gênese, foram feitos para iluminar o mundo? Causa espanto que tão imensa obra se haja produzido para tão pouco tempo e a benefício de seres votados de antemão, em sua maioria, aos suplícios eternos.”²⁵

A cosmovisão milenarista é a-histórica, ou melhor, extra-histórica, pois os eventos necessários à sua consecução, mesmo com previsão de datas e cálculos no calendário, acontecem fora do tempo e do espaço. Já o Espiritismo possui outra concepção.

Segundo o sociólogo portenho Manuel S. Porteiro (1881-1936), o conceito espírita da vida nos ensina que “a alma transcende o limite da existência terrena: preexiste ao nascimento do corpo e subsiste à sua destruição. A evolução do espírito não se limita ao período de tempo compreendido entre a vida e a morte, mas se desenvolve em existências sucessivas e em diferentes personalidades, através do tempo e do espaço. Eis porque cada espírito humano, no conceito reencarnacionista, possui seu próprio determinismo, sua causalidade psíquica e moral e seu processo evolutivo que termina, por assim dizer, em cada existência, para começar outra nova; e todos estes processos individuais se unem uns nos outros e renovam-se sem cessar, seguindo ao mesmo tempo o determinismo da história.”²⁶

E continua o ilustre pensador espírita:

“Assim, nesta incessante renovação da humanidade e de seus valores morais e espirituais, cada ser que vem ao mundo engendra sua própria causalidade no

determinismo histórico, e no conjunto de todas as séries causais se forma um determinismo mais amplo, que une o mundo espiritual com a humanidade.”²⁷

Considerações Finais

O que mais impressiona no estudo do milenarismo é a influência que essa ideologia messiânica e mística exerceu sobre pessoas e grupos. Como vimos, influenciou navegantes, guerrilheiros, monarcas, intelectuais, religiosos e figuras proeminentes na sociedade. Séculos se passaram desde os milenaristas medievais até hoje e, apesar da totalidade das profecias terem sido mal-sucedidas, a quantidade de seitas e fanáticos continua a proliferar e a seduzir as pessoas.

A transição do milênio marca o início de uma nova era em função das circunstâncias propícias para isso. Mas também marca o fim de muitos equívocos, de muitas ideologias decrépitas, tabus e mitos, inclusive o milenarismo. Difícil imaginar que na próxima transição do calendário, de 3.000 para 3.001, quanto se iniciará o Quarto Milênio, toda essa movimentação milenarista ainda subsista.

O medo do fim do mundo não é mais o mesmo. As circunstâncias são outras. Apesar de haver muita similitude entre os medos do homem medieval e os do homem contemporâneo, como bem demonstrou o historiador francês Georges Duby, o pavor cede lugar à desconfiança, e o terror à insegurança.²⁸

Cataclismas geológicos, terremotos, maremotos, tornados e epidemias como a Aids sempre existiram. A novidade do momento em que vivemos está no arsenal bélico e atômico que a humanidade desenvolveu. Conseguimos a façanha de criar uma sofisticadíssima tecnologia capaz de destruir a Terra dezenas de vezes, mas ainda não conseguimos erradicar a fome e a febre amarela de nossa agenda.

O mundo sobreviveu a duas grandes guerras mundiais e o risco de um terceiro conflito em escala global ainda existe. O Bug do Milênio amedronta e revela a fragilidade de nossa civilização tecnológica.

O desequilíbrio ecológico, a destruição do meio ambiente causada pela industrialização predatória e sem planejamento cedem lugar ao projeto de um desenvolvimento sustentado, pois do contrário, aí sim o fim do mundo poderá ser eminente. A destruição da camada de ozônio é uma realidade bem como suas consequências na elevação da temperatura do planeta. Séculos de depredação dos recursos naturais, nem sempre renováveis, ainda podem criar desequilíbrios irreversíveis em nosso ecossistema. A Natureza reage, nem sempre de forma amistosa. A possibilidade de destruição de nosso mundo ou ao menos de vastíssimas áreas é uma realidade.

Um outro aspecto que causa espanto nesse estudo é a fragilidade das profecias, cuja inutilidade verifica-se sob uma análise mais criteriosa. A realização profética, repetimos, é atemporal, extra-histórica. É como se as circunstâncias históricas se curvassem diante do imperativo messiânico, diante de sua triste matemática.

E ao contrário do que muitos pensam, o Terceiro Milênio começa a zero hora do dia 1º de janeiro de 2.001 e não de 2.000. Isso, segundo o nosso calendário, o gregoriano. Sabe-se todavia que há uma defasagem de pelo menos quatro anos. Ou

seja, o Terceiro Milênio, segundo uma contagem mais rigorosa, somente virá em 2.005.

No calendário chinês o novo milênio começa em 2.545, no muçulmano em 1421 e no judaico em 5761. Não há um único calendário que seja totalmente similar. A transição que vivemos é fruto da invenção humana, da maneira como se convencionou, ao longo dos séculos, a contagem do tempo.

Cada calendário tem a sua lógica, o seu funcionamento interno, os seus parâmetros. Quase todas as grandes culturas da antiguidade tinham o seu próprio calendário. Os egípcios, os celtas, hoje considerados grandes calendaristas, os sumérios, os maias e astecas, os gregos e romanos, cada povo construiu o seu. Durante muitos séculos vigorou o calendário juliano, instituído por Júlio César, daí o nome.

Trata-se de uma convenção. O dia tem 24 horas mas poderia ter 26, 22 horas ou bem menos. O que nós medimos em centímetros os americanos medem em polegadas. A unidade de medida é variável e, amiúde, a referência é antropométrica: dois dedos, dez pés, dois palmos de terra etc.

Já o referencial para a medida do tempo são os ciclos cósmicos, os fenômenos da natureza: as fases da lua, o ano solar, o solstício de verão, o equinócio, eclipses, cometas. Ao longo do tempo os calendários foram se aprimorando, se modificando a fim de se adaptarem às novas exigências da civilização.

Toda essa discussão se dá ao nível do tempo linear. Cada cultura o conta de uma maneira. E por consequência, fica difícil saber a data exata em que o mundo vai acabar, supondo que os milenaristas fanáticos estejam certos. A fragmentação do tempo em milênios, séculos, anos, dias, horas, minutos etc. é uma invenção humana, fruto da observação secular dos fenômenos da natureza. Do relógio de sol ao digital, o progresso tecnológico foi incorporando e aprimorando a percepção do tempo, cada vez mais fluido, cada vez mais instantâneo, on line, cada vez mais desconstruído.

A contagem do tempo como um fluxo linear surge com a modernidade, na Renascença, nos séculos XV e XVI, consolidando-se no século XVIII. De Leonardo da Vinci a Einstein, observa-se na estruturação da percepção do tempo o vir a ser, o devir. A espera de algo que virá, da emancipação final. As doutrinas milenaristas surgem daí, dessa percepção do tempo como se fosse um fluxo cartesiano.

Do tempo pitagórico ao cartesiano, nos vemos hoje diante da desconstrução do tempo. A teoria da relatividade de Einstein criou uma nova forma de percepção temporal. O tempo quântico superou o tempo newtoniano. Em um mundo onde a percepção se dê no nível mental (absolutamente on line), o tempo, se existir como o percebemos, deverá ser contado de outra maneira. Uma boa questão para ser debatida com nossos amigos do mundo extra-físico.

Difícil imaginar uma organização social onde a percepção do tempo se dê considerando-se toda sua relatividade, sua fluidez aparente. Essa percepção seria perfeitamente coincidente com a idéia de imortalidade, do tempo como um eterno presente, mas sem ser absoluto, o que seria absurdo em função de nossas limitações sensoriais. Mas perfeitamente apreensível ao nos percebermos como unidades existenciais sem começo nem fim. Seres muito mais do que infinitos. Mil anos de vida é muito pouco para quem se sente, se percebe e se imagina, pelo menos como um sujeito imortal. O milenarismo tende a morrer por falta de númeno e de número.

Bibliografia Utilizada

1. KARDEC, Allan, *O Livro dos Espíritos*, Ed. LAKE, trad. J. Herculano Pires, 41ª ed., 1982, São Paulo-SP.
2. KARDEC, Allan, *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, Ed. FEB, trad. Guillon Ribeiro, 20ª ed., 1978, Rio de Janeiro-RJ.
3. KARDEC, Allan, *Revista Espírita*, Ed. Edicel, trad. Julio Abreu Filho, 1ª ed, s/d, São Paulo-SP.
4. KARDEC, Allan, *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, Ed. LAKE, trad. J. Herculano Pires, 16ª ed., 1978, São Paulo-SP.
5. EMMANUEL, Espírito, *A Caminho da Luz*, psicografia Chico Xavier, Ed. FEB, 9ª ed., 1978, Rio de Janeiro-RJ.
6. PORTEIRO, Manuel S., *Espiritismo Dialectico*, Ed. Edicomunicacion S.A. 1ª ed., 1990, Barcelona, Espanha.
7. A BÍBLIA SAGRADA, *Trad. João Ferreira de Almeida*, Ed. Sociedade Bíblica do Brasil, 1969, Rio de Janeiro-RJ.
8. DUBY, Georges, *Ano 1000 ano 2000 - na pista de nossos medos*, Ed. Unesp, 1ª ed, 1998, São Paulo-SP.
9. FLAMMARION, Camille, *O Fim do Mundo*, Ed. FEB, Trad. M. Quintão, 4ª ed, 1988, Rio de Janeiro-RJ.
10. CHALLAYE, Félicien, *Pequena História das Grandes Religiões*, Ed. Ibrasa, 1ª ed., 1962, São Paulo-SP.
11. HINELLS, John R., *Dicionário das religiões*, Ed. Círculo do Livro, 1ª ed., s/d, São Paulo-SP.
12. ÉPOCA, revista, nº 52, 17/05/99, Ed. Globo.
13. DINES, Alberto, *Felicidade, paraísos e as contas do tempo*, artigo in *Ilustrada*, Folha de S. Paulo, 27/12/97.
14. ECO, Umberto, *O bug da memória*, caderno Mais!, Folha de S. Paulo, 8/8/99.
15. COHN, Norman, *Cosmos, caos, e o mundo que virá*, Companhia das Letras, 1ª ed., 1996, trad. Claudio Marcondes, São Paulo-SP.
16. DELUMEAU, Jean, *O Paraíso Português*, in caderno Mais!, Folha de S. Paulo, 8/8/99.
17. LEITE, Marcelo, *O fim de milênio e as confusões do apocalipse*, caderno especial Um Ano para o 2000, Folha de S. Paulo, 1/1/99.
18. LUNA, Pablo, *Sobre el miedo al milenio*, in webzine *Casi Nada*, nº 10, janeiro 97, Espanha.
19. LACAYO, Richard, *O fim do mundo está chegando?*, artigo in caderno especial *Time*, Folha de S. Paulo, 14/01/99.
20. ISTO É, revista, *À espera do apocalipse*, Ed. Três, 8/5/96.
21. NASCIMENTO, Maria das Graças, *A tradição do reino milenar*, in jornal de resenhas, Folha de S. Paulo, 8/8/98.
22. RANCIÈRE, Jacques, *Os profetas do novo tempo*, caderno Mais! Folha de S. Paulo, 19/5/96.
23. DELUMEAU, Jean, *Renascimento, Milenarismo e Portugal*, in Projeto Vera Cruz 500, nov. 1997.
24. DELUMEAU, Jean, *O paraíso português*, in caderno Mais! Folha de S. Paulo, 8/8/99.
25. GOULD, Stephen Jay Gould, *As profecias frustradas*, in caderno Mais! Folha de S. Paulo, 8/8/99.

26. GLEISER, Marcelo, *Os buracos negros e a relatividade do tempo*, caderno especial Um Ano para o 2000, Folha de S. Paulo, 1/1/99.
27. SOTO, Ernesto, *Agosto de todos os riscos*, in caderno B, Jornal do Brasil, 1/8/99.
28. VILLAS BOAS, Sergio, *Tensão pré-milênio*, caderno Fim de Semana, Gazeta Mercantil, 11,12 e 13/6/99.
29. SALINAS, Carlos, *Profecias para o século XXI*, in webzine Casi Nada, Espanha, fevereiro 1999. <http://usuarios.iponet.es/casinada/32prof.htm>
30. DELARBRE, Raúl Trejo, *Antecipado milenarismo*, in revista La Crónica de Hoy, México, 8/8/98.
31. Foram consultados também diversos sites e home pages em programas de busca na Internet. Sobre o bug do milênio: <http://it2000.com> - <http://year2000.com> - <http://grid.isca.uiowa.edu>. Sobre o tema, de todos, o mais recomendado é o site do Centro de Estudos Milenaristas - Center for Millennial Studies, <http://www.mille.orgb/>. Também podem ser encontrados uma infinidade de home pages sobre o apocalipse, profecias, notadamente as de Nostradamus, Antonio Conselheiro, Nossa Senhora de Fátima, Dom Bosco, São João, dentre tantos outros profetas milenaristas.

Notas

- ¹ ECO, Umberto, *O bug da memória*, caderno Mais!, Folha de S. Paulo, 8/8/99, São Paulo-SP.
- ² COHN, Norman, *Cosmos, Caos e o Mundo que Virá - As origens das crenças no Apocalipse*, Cap. I, p. 15.
- ³ DELUMEAU, Jean, *O Paraíso Português*, in caderno Mais!, Folha de S. Paulo, p. 5, 8/8/1999.
- ⁴ Ibid.
- ⁵ Ibid.
- ⁶ ÉPOCA, revista, nº 52, 17/05/99, Ed. Globo.
- ⁷ LEITE, Marcelo, *O fim de milênio e as confusões do apocalipse*, caderno especial Um Ano para o 2000, Folha de S. Paulo, p. 6, 1/1/1999.
- ⁸ KARDEC, Allan, *Revista Espírita*, 1868, p.45, Edicel, 1ª ed, s/d, trad. Julio Abreu Filho.
- ⁹ Ibid, p. 46.
- ¹⁰ Ibidem.
- ¹¹ Ibid. p. 47.
- ¹² Ibid. p. 48/49.
- ¹³ Ibid. p. 49.
- ¹⁴ Ibid. p. 50.
- ¹⁵ Ibid. p. 53.
- ¹⁶ Ibid. p. 46
- ¹⁷ KARDEC, Allan, *Revista Espírita*, março 1868, p. 65.
- ¹⁸ Ibid.

¹⁹ Ibid. p. 66

²⁰ Ibidem.

²¹ Ibid. p. 68

²² Ibid. p. 69

²³ EMMANUEL, Espírito, *A Caminho da Luz*, psicografia de Chico Xavier, cap. XXV, p. 214, Ed. FEB, 9ª ed.

²⁴ KARDEC, Allan, *A Gênese, os milagres e as predições segundo o Espiritismo*, Cap. XVIII, p. 418, Ed. FEB, Trad. Guillon Ribeiro.

²⁵ Idem. p. 398.

²⁶ PORTEIRO, Manuel S., *Espiritismo Dialectico*, cap. XVI, p. 194, Ed. Edicomunicacion S.A., Barcelona, Espanha, 3ª ed. Tradução de José Rodrigues.

²⁷ Ibid.

²⁸ DUBY, Georges, *Ano 1.000 Ano 2.000 - Na Pista de Nossos Medos*, Introdução, Ed. Unesp, 1998.

Trabalho apresentado no Centro de Pesquisa e Documentação Espírita (CPDoc) e no Simpósio Brasileiro do Pensamento Espírita de 1999.

Eugenio Lara, 38 anos, é arquiteto e design gráfico. Foi presidente do Centro Espírita Evolução (1989/91), do Núcleo de Ação Social Allan Kardec (1989/91), membro fundador do Centro de Pesquisa e Documentação Espírita, do Instituto Cultural Kardecista de Santos e redator do jornal de cultura espírita Abertura.